

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

ore a história do ci
es e dos seus aut
ais como a econo
história do cinema
lado, a vigência d
em condicionou a t

Cinema, História do

As histórias do cinema publicadas em Portugal não se desviam muito do modelo internacionalmente dominante nas obras de divulgação sobre a história do cinema, ao privilegiar sobretudo uma narrativa expositiva sobre a estilística dos filmes e dos seus autores (nomeadamente os realizadores), o que desvaloriza ou ignora aspectos contextuais como a economia ou o quadro sócio-cultural. De um modo geral, há uma tendência para reduzir a história do cinema apenas aos filmes, e sobretudo aos filmes de longa-metragem de ficção. Por outro lado, a vigência de um regime de censura prévia em Portugal durante a maior parte do séc. XX também condicionou a tradução de obras em língua estrangeira, assim como a importação de livros de certos mercados editoriais.

Os primeiros textos sobre história do cinema publicados em Portugal surgiram sobretudo em revistas especializadas e em suplementos de jornais generalistas. Sob a forma de textos breves, sem citar fontes ou qualquer bibliografia, esses textos divulgavam sobretudo generalizações que, essencialmente, eram traduções de outras publicações estrangeiras de carácter semelhante e destinados ao mesmo tipo de públicos. De uma forma natural, a informação vinculada não era problematizada e assumia um registo cronológico e descritivo.

A primeira história do cinema publicada em Portugal em volume autónomo só surgiria em 1941, da autoria do crítico de cinema e dirigente cineclubista Manuel de Azevedo, com o título *O Cinema em Marcha* (Ed. Autor, 1941). Segundo Jorge Pelayo (*Bibliografia...*, 1971, p. 71), esta obra é tão próxima de *Usine de Rêves* (Gallimard, 1936) do jornalista e escritor ucraniano Illya Ehrenbourg que “quase se torna a [sua] tradução portuguesa, condensada”. Ainda assim, inclui um breve capítulo intitulado “Cinema português”, mas adoptando um estilo mais filosófico do que propriamente historiográfico. Talvez pelo seu ineditismo, a obra esgotaria e uma segunda edição seria publicada em 1944, então pela Livraria Latina.

Em 1943 é publicada uma história muito singular: *A História do Cinema vista através de Filmes Castello Lopes* (Exposição Internacional de Arte Cinematográfica, 1943), de Mota da Costa, com fins declaradamente publicitários. Assim, a segunda obra publicada em Portugal seria *História do Cinema* (Publicações Europa-América, 1949), a tradução portuguesa de *Histoire du cinéma* (1942), do jornalista francês de origem italiana



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Joseph-Marie Lo Duc. No mesmo ano, surge também a primeira tentativa conhecida de publicar uma ambiciosa história do cinema escrita de raiz por autores portugueses. *A Maravilhosa História da Arte das Imagens* foi coordenada pelos jornalistas e realizadores Fernando Fragoso e Raul Faria da Fonseca, editada em fascículos entre 1949 e 1956, constituindo um esforço conjunto de diversos autores em divulgar alguns dados generalistas, ainda que revelasse pouca exigência na análise e problematização dos dados avançados.

Dez anos mais tarde, a Livros Horizonte lançaria *História do Cinema Mundial*, uma versão portuguesa, condensada em cerca de 700 páginas, dos seis volumes da célebre obra de Georges Sadoul (*Histoire du cinéma mondial*, Denoël, 1946-54), uma obra abrangente que se popularizaria em todo o mundo. Entretanto, em 1956, Fernando Duarte iniciaria a publicação da sua *História do Cinema*, com o lançamento de um primeiro volume (e que seria o único) a propósito dos primórdios do cinema, nomeadamente o cinema norte-americano e checo. Finalmente, em 1962, o jornalista Manuel Moutinho Múrias lança também a sua *História Breve do Cinema* (Editorial Verbo), uma súpula de forte pendor pessoal e sem grande rigor historiográfico.

Entretanto, o primeiro esboço de uma história do cinema português surgira pouco antes, em 1946. Ao longo de 44 páginas, “Panorama histórico do Cinema Português”, é uma separata do *Anuário Cinematográfico Português* (Edições Gama, 1946), percorre os principais momentos da história do cinema português até então, enunciando os principais factos do cinema português de uma forma cronológica e descritiva. Manuel Félix Ribeiro, o seu autor, é uma figura de destaque no cinema português: iniciando-se no meio cinematográfico como jornalista, foi chamado por António Ferro para chefiar a secção de cinema do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), ocupando-se desde cedo com a constituição do ambicioso “Arquivo Cinematográfico Nacional”. Em 1948, com a criação da Cinemateca Nacional, Félix Ribeiro seria nomeado o primeiro e principal responsável por esta nova estrutura. Também ele foi, muito provavelmente, o autor de uma brochura de 24 páginas, editado pelo SNI apenas nas versões francesa, inglesa e alemã, que traçava uma breve panorâmica sobre o cinema português.

No cumprimento das suas funções públicas, Félix Ribeiro desenvolveu uma actividade que privilegiou sobretudo a preservação do património cinematográfico português, desde a procura de materiais e objectos cinematográficos, à recolha de documentos julgados perdidos, à organização de exposições e à promoção das primeiras retrospectivas dedicadas ao cinema português e estrangeiro. A extensa obra de Félix Ribeiro também privilegiou a escrita dos primeiros esboços e sínteses da história do cinema português, espalhadas por várias monografias e textos publicados um pouco por toda a imprensa especializada. A sua obra mais significativa, publicada postumamente, é exemplar da sua actividade e estilo historiográficos: *Filmes, Figuras e Factos do Cinema Português 1896-1949* (Cinemateca Portuguesa, 1983) constitui o precioso relatório de décadas de recolha de informação sobre as temáticas a que o próprio título alude, reunindo as fichas técnicas, imagens, impressões da imprensa e estórias de bastidores.

Manuel Félix Ribeiro foi uma espécie de primeiro “cronista cinéfilo oficial do reino”, ou seja, um proto-



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

historiador do cinema português que vinculou a sua versão pessoal enquanto versão oficial da Cinemateca Nacional. Enquanto pioneiro, definiu a estrutura de uma narrativa sobre a história do cinema português dos primeiros cinquenta anos que, na sua essência, vigora até hoje na generalidade das principais publicações historiográficas portuguesas.

Papel igualmente relevante nesta primeira fase de construção historiográfica sobre o cinema português teve Jorge Pelayo. Para além de ter colaborado nas principais publicações periódicas especializadas em cinema do seu tempo e ser organizador de importantes sessões de cinema clássico e de retrospectivas do cinema sonoro português, Pelayo também desempenhou uma paciente actividade na organização da Filmoteca do SNI/SEIT. Mas a obra que o faz figurar meritoriamente na história do cinema português foi publicada em 1966, conhecendo já duas reedições actualizadas e ampliadas (1985 e 1998): *Bibliografia Portuguesa de Cinema* é um instrumento indispensável – como o foi para a realização deste texto – para qualquer trabalho sobre a história do cinema português. A alteração do subtítulo da primeira edição (*Bases para um ensaio teórico*) para *Uma visão cronológica e analítica* responde a uma propositada mutação metodológica que norteou as segunda e terceira edições. Abdicando da “função judicativa” da apreciação pessoal da primeira edição, o autor valorizou a “função informativa” e alargou consideravelmente o *corpus* do seu trabalho, nomeadamente através da inclusão de publicações periódicas e publicações em série.

Em 1949, é publicada uma interessante e importante obra assinada por António Horta e Costa. Com um volume de informação considerável (122 páginas), *Subsídios para a História do Cinema Português* (Empresa Literária Universal, 1949) constitui uma excelente relação cronológica dos filmes e da produção escrita sobre cinema em Portugal nos 50 anos anteriores (1896-1949). No mesmo registo, surge alguns anos depois um importante título dedicado exclusivamente à imprensa cinematográfica. *Breve História da Imprensa Cinematográfica Portuguesa* (Clube Português de Cinematografia, 1954), da autoria de Henrique Alves Costa. Menos significativo e consequente, mas igualmente valioso, foi o contributo do jornalista Chitónio Montalverde, nomeadamente com *Nomes e Números do Cinema Português* (Ed. Autor, 1969) e *Os Primórdios do Cinema Português* (Ed. Autor, s.d.), onde o autor acrescenta dados novos a biografias e filmografias pouco exploradas.

Da área da crítica cinematográfica também chegaram importantes contributos para uma tentativa de história crítica do cinema português. Entre os críticos mais esclarecidos, Manuel de Azevedo foi aquele que mais contribuiu para o enriquecimento do debate acerca do fenómeno cinematográfico em Portugal. A abordagem deste autor ao cinema português começou pela colaboração em diversas publicações periódicas, num estilo jornalístico, crítico e reflexivo que pretendia, geralmente, um primeiro contacto com aspectos do fenómeno cinematográfico. O primeiro contributo publicado em volume autónomo, intitulado *Ambições e Limites do Cinema Português* (Seara Nova, 1945), reunindo uma colectânea de artigos publicados anteriormente na *Seara Nova*. O seguinte, *Perspectiva do Cinema Português* (Cineclubes do Porto, 1951) foi



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

outra obra oportuna onde o autor reclamava uma nova reflexão sobre a actualidade do cinema português a partir do seu percurso histórico. Anos depois, compilando um significativo número de textos dispersos por diversas publicações não-especializadas em cinema, publicaria *À Margem do Cinema Nacional* (Cineclube do Porto, 1956). No entanto, o nome de Manuel de Azevedo ficará sempre ligado ao cineclubismo, tanto pela sua destacada participação no movimento como pelo início sério do seu estudo, nomeadamente no volume *O Movimento dos Cineclubes* (Cadernos Seara Nova, 1948).

Verdadeiramente significativa do valor deste crítico foi o convite do prestigiado historiador Joel Serrão a Manuel de Azevedo para este participar no importante *Dicionário de História de Portugal* dirigido por aquele historiador (Figueirinhas, 1971). Prova de reconhecimento do contributo do autor para o estudo do cinema português, este prestigiado dicionário tem na sua entrada relativa ao “Cinema em Portugal” o primeiro exemplo público da necessidade de enquadrar o cinema no tratamento científico da historiografia.

Outro nome da crítica desse período é Roberto Nobre, figura maior da oposição cultural ao Estado Novo. Para além da escrita de diversos textos de carácter teórico-estético e um tratamento crítico e reflexivo imediato, com participações esporádicas em diversas publicações periódicas, Nobre também dedicou atenção particular à história do cinema português, dedicando-lhe exclusivamente uma obra autónoma: *Singularidade do Cinema Português* (Portugália, 1964) apesar de reflectir uma vivência muito pessoal, contém algumas advertências metodológicas ainda mais interessantes vinda de uma pessoa sem formação historiográfica.

Em suma, Manuel de Azevedo e Roberto Nobre foram duas das principais figuras da crítica cinematográfica que sempre lutaram contra a versão oficial da história do cinema português produzida por Félix Ribeiro e patrocinada por entidades públicas.

Também da crítica, mas oriundo de um campo ideológico oposto aos dois últimos exemplos, destacavam-se dois nomes: Manuel Moutinho Múrias publicou uma obra significativa, *História Breve de Cinema* (Editorial Verbo, 1962), dedicando algumas referências pouco desenvolvidas ao cinema português; e Fernando Duarte, dirigente cineclubista de Rio Maior, director das revistas de cinema *Visor* (1953-56) e *Celulóide* (1957-1984) e autor de publicações como *Primitivos do Cinema Português* (Cinecultura, 1960), *Elementos para a História do Cinema Português, do livro e a imprensa cinematográfica e do cineclubismo* (Celulóide, 1976) e *Apontamentos para a História do Cinema Português que não se fez* (Celulóide, 1978).

Este inventário dos primeiros escritos historiográficos sobre o cinema português não ficaria completo sem a referência a Alice Gamito, autora a quem se deve um inestimável trabalho na investigação do cinema agrícola. Esta autora, à semelhança de Félix Ribeiro, desenvolveu uma dupla tarefa: por um lado, um trabalho prático na organização da Filmoteca do Serviço de Informação Agrícola e, por outro, uma produção editorial a propósito do cinema de meio rural e agrícola em Portugal, sobretudo a partir das actividades promovidas pelo Festival de Cinema de Santarém.

Esta primeira fase da historiografia sobre o cinema português, que se pode balizar entre o primeiro texto



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

de Félix Ribeiro (1946) e a primeira obra inteiramente dedicada à história do cinema nacional (*A Aventura do Cinema Português*, de Luís de Pina, 1977), é marcada por um importante conjunto de figuras que se destacaram sobretudo na inventariação e reunião de materiais dispersos e cuja validade e principal valor viriam a ser demonstrados posteriormente. Os textos identificados nestes anos filiam-se igualmente num tipo de narrativa expositiva, dando maior realce a apreciações críticas com forte pendor pessoal. Este período ficou também marcado por um surto editorial significativo onde se contam colecções temáticas de algumas editoras e traduções dos grandes autores internacionais, permitindo a divulgação de aspectos históricos e estéticos fundamentais. Este clima de euforia editorial reflecte um entusiasmo geral oriundo sobretudo do movimento cineclubista que, no seu período áureo, animou a valorização cultural e artística do fenómeno cinematográfico.

Desta fase conhecem-se preciosos vestígios arqueológicos que documentam exemplarmente o tipo de visão promovida por um grupo de autores sobre o percurso do cinema português. Maioritariamente apoiados em registos de tipo memorialistas, estes autores promoveram uma construção do imaginário cinéfilo português onde privilegiam a instauração de um período dourado ancorado na “comédia à portuguesa” e nos “filmes históricos” enquadrados na visão oficial do regime. Um dos melhores exemplos desta construção da memória passa por António Lopes Ribeiro, sobretudo na apresentação e produção do êxito televisivo *Museu do Cinema* (1957-74), onde foi possível mostrar, na televisão, os grandes clássicos do cinema mudo.

Como já referido, surpreendentemente, a primeira obra autónoma dedicada exclusivamente à história do cinema português só surgiria em finais da década de 1970, responsabilidade de Luís de Pina e com o curioso título de *A Aventura do Cinema Português* (Editorial Vega, 1977). Preparada ao longo de uma década, esta “crónica da evolução e do estado actual do cinema português” – como a classifica o autor – integra capítulos dedicados a temáticas específicas, tal como uma exaustiva cronologia e úteis bio-filmografia de autores e bibliografia em anexo. Obra relevante e precursora na historiografia do cinema português, tenta preencher “uma velha lacuna” ao pretender sintetizar uma “caminhada aventurosa percorrida pelo cinema português, os factos, as tendências, os números e os principais intérpretes humanos.” (Pina, Luís de, *A Aventura...*, 1977, pp. 5-6).

No ano seguinte, o mesmo autor publicaria *Panorama do Cinema Português* (Terra Livre, 1978), uma obra essencialmente de vulgarização e popularização de conteúdos relacionados com a história do cinema português. Inserida numa série de brevíários da cultura portuguesa, era destinada a um público não especializado que queira adquirir conhecimentos básicos sobre a história do cinema português.

Confirmando a prolífica actividade de escritor e historiador autodidacta, Luís de Pina actualizaria vários dados em *História do Cinema Português 1896-1986* (Publicações Europa-América, 1986), um “livro de bolso” que, pela sua abrangência, se tornou a principal referência para os estudos de cinema em Portugal.

Sucessor de Félix Ribeiro na Cinemateca, Luís de Pina desempenhou uma acção decisiva na afirmação



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

desta instituição como centro de investigação e núcleo editorial em torno da preservação do património cinematográfico. A nível individual, para além das histórias publicadas, o autor colaborou com diversas publicações periódicas e também insistiu na divulgação de temáticas marginalizadas e pouco conhecidas do público. Por outro lado, enquanto funcionário público, teve oportunidade de organizar diversos serviços cinematográficos e, na fase marcelista do regime, ser promotor da visão oficial do Estado Novo sobre a história do cinema português. Tal como o seu predecessor na direcção da Cinemateca, Luís de Pina deixou a sua marca pessoal na orgânica da instituição e foi justamente homenageado pela valiosa actividade em prol do cinema português. De uma forma óbvia, Luís de Pina sucedeu a Félix Ribeiro enquanto “cronista oficial do reino”.

No contexto da Revolução de Abril de 1974, o panorama cinematográfico sofre importantes alterações. Invariavelmente, a actividade editorial dedicada a assunto do cinema também reflecte as novas directivas ideológicas, publicando-se obras de interessante que até aí não tinham oportunidade. Assim, nos anos subsequentes, publicam-se *O Imperialismo e o Fascismo no Cinema* de Eduardo Geada (Morais Editores, 1977), *Cinema e Censura em Portugal* de Lauro António (Arcádia, 1978) e *Rumos do Cinema Português* de Germano Cleto (Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, 1979).

Encaradas sobre um ponto de vista eminentemente político – é precisamente este carácter ideológico que aproxima estas publicações entre si –, estas obras são exemplares do tipo de efervescência editorial que marcaram o “processo revolucionário em curso”. As novas orientações políticas e estéticas saídas da revolução promovem uma redefinição da visão oficial da história do cinema português, preocupando-se sobretudo com temáticas de carácter social e político, assuntos que durante o regime anterior teriam sérias dificuldades em ser produzidos.

Entretanto, o cineclubista Henrique Alves Costa retoma a edição de obras escritas como revisitações ao passado, sem grandes cuidados metodológicos, que vivem muito das memórias do seu autor. De um modo coerente, a sua *Breve História do Cinema Português 1896-1962* – integrada numa colecção de sínteses da cultura do Instituto de Cultura Portuguesa – relata uma visão muito pessoal do percurso cinematográfico nacional, onde são evidentes as suas preferências e objecções estéticas.

A pensar na continuidade desta breve história, o Instituto de Cultura Portuguesa encarregou outro não-historiador da sua actualização: Eduardo Prado Coelho, um reconhecido crítico cinematográfico com ainda menos preocupações metodológicas do que o autor português, escreve *Vinte Anos de Cinema Português 1962-1982* (1983), uma espécie de catálogo dos filmes mais significativos desse período. Usando uma análise estritamente interna das obras cinematográficas, o crítico rejeita factores de carácter contextual estranhos à construção narrativa, valorizando a obra enquanto produto meramente estético. Com uma estratégia de abordagem semelhante, Salvato Teles de Menezes passa em revista a produção fílmica portuguesa da década seguinte à revolução de 1974. Após uma breve introdução geral ao período em causa (1974-84), o



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

autor debruça-se sobre a produção fílmica e analisa aqueles que considera serem os mais importantes e representativos filmes do cinema português do pós-25 de Abril.

Uma figura muito relevante neste período, do ponto de vista historiográfico, é António Videira Santos, autor que se dedicou à história “primitiva” do cinema português. Colaborador em algumas publicações periódicas, destacou-se no estudo dos pioneiros, sendo justamente considerado o principal historiador dos primórdios do cinema português. Os seus diversos trabalhos popularizaram o “fundador” do cinema português, Aurélio da Paz dos Reis, e outras figuras pioneiras como Pinto Moreira ou Ernesto de Albuquerque. A sua obra fundamental, editada pela Cinemateca Portuguesa, *Para a História do Cinema Português* (1991), é um volumoso e útil trabalho sobre os tempos fundadores do cinema português, contendo dados inéditos sobre o surgimento do cinematógrafo nos arquipélagos da Madeira e dos Açores.

A partir dos anos 80, devido ao determinante impulso de Luís de Pina e da sua equipa de colaboradores na Cinemateca Portuguesa, verifica-se um surto considerável na produção historiográfica relativa à área cinematográfica. Dividindo a sua atenção entre a organização de retrospectivas de cinema português, a coordenação de catálogos dedicados a realizadores e actores, a promoção de monografias sobre figuras precursoras, o estímulo do estudo dos principais momentos históricos e movimentos estéticos e a história da própria instituição, a Cinemateca Portuguesa rapidamente se transformou no principal núcleo de produção editorial do cinema português, com dezenas de publicações.

Um dos colaboradores da Cinemateca que muito contribuiu para o desenvolvimento da investigação da história do cinema português foi José de Matos-Cruz, investigador responsável por duas obras fundamentais: *O Cais do Olhar* (IPC, 1981; reedição “revista, actualizada, corrigida e ampliada”, Cinemateca Portuguesa, 1999) e *Prontuário do Cinema Português, 1896-1989* (Cinemateca Portuguesa, 1989). Marcando o culminar de vários anos de exaustiva pesquisa laboratorial, estes títulos procuravam iniciar a concretização de uma ambiciosa Enciclopédia do Cinema Português e estas obras inserem-se num notável esforço de inventariação fílmica que compreendeu a pesquisa de “bibliografia publicada, imprensa em geral, revistas especializadas, registos de censura, catálogos, programas, estudos particulares, múltiplos ficheiros de diversos organismos, laboratórios e empresas, listas dos principais arquivos, edições de cinemateca, milhares de documentos avulsos – de origem portuguesa ou estrangeira, abrangendo as mais de nove décadas em causa – além dos contactos e testemunhos pessoais” (Matos-Cruz, José de, *Prontuário...*, 1989, p. 5).

Dividindo a sua relevante actividade entre as duas principais instituições públicas ligadas ao cinema, o IPC e a Cinemateca, Matos-Cruz pode desenvolver, desde finais da década de 1970, uma impressionante recolha de dados sobre o cinema português que produziu as obras já referidas e também a elaboração de diversos estudos precursores sobre objectos pouco trabalhados até então.

Entre outros autores deste núcleo da Cinemateca encontram-se António J. Ferreira, autor de *Animatógrafos de Lisboa e Porto – Perspectiva e alguma História das salas de cinema silencioso 1894-1936*



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

(Ed. Autor, 6 vol., 1989) e colaborador na pesquisa do Prontuário de Matos-Cruz (para o período de 1896-1928); José Navarro de Andrade, coordenador do catálogo *Fernando Lopes por cá* (1996); Manuel S. Fonseca, colaborador dos catálogos *Cinemateca 25 Anos* (1983), *25 de Abril – Imagens* (1984) e *Cinema Novo Português 1960-74* (1985); Manuel Cintra Ferreira, colaborador dos catálogos *António Silva* (1986), *Aníbal Contreiras* (1987), *Lisboa Filme, Um sonho vencido* (1987), *Sonoro Filmes* (1988); José Manuel Costa, dedicando especial atenção às questões do património cinematográfico português em *Cem Anos de Cinema em Portugal: o estado do património* (Cinemateca, 1995), e ao estudo do *Novo Documentário em Portugal* (Cinemateca, 1999); e Tiago Baptista, autor particularmente atento ao período do cinema mudo em Portugal, responsável por publicações como *Lion, Mairaud, Pallu: franceses tipicamente portugueses* (Cinemateca Portuguesa, 2003) e *As cidades e os filmes: uma biografia de Rino Lupo* (Cinemateca Portuguesa, 2008).

Finalmente, João Bénard da Costa, sucessor de Luís de Pina na direcção da instituição e uma das referências incontornáveis no panorama cultural português das últimas quatro décadas. Dedicando especial atenção à temática cinematográfica desde finais da década de 1960, quando iniciou a direcção dos serviços de cinema da Fundação Calouste Gulbenkian, Bénard da Costa tornou-se gradualmente numa referência significativa na escrita sobre cinema em Portugal. A sua natural evolução dentro da Cinemateca só reforça a ideia de que este cinéfilo se tornou num elemento decisivo na construção da identidade da instituição a que presidiu entre 1991 e 2009. As linhas de orientação da programação e da actividade editorial da Cinemateca reflectem as fortes ideias matrizes que marcam a personalidade desse seu director. Do mesmo modo, a valorização pessoal de um certo cinema de autor, veiculada desde meados dos anos 60, principalmente nas páginas de *O Tempo e o Modo*, tornou-se gradualmente, nas suas linhas gerais, na visão oficial da instituição sobre o cinema português das últimas décadas.

No início da década de 1990, a propósito da exposição portuguesa na Europália, Bénard da Costa elaborou uma obra que se insere num significativo conjunto de sínteses da cultura portuguesa, *Histórias do Cinema* (Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1991), e que marca o fim de um período na historiografia sobre cinema português. O grande mérito desta obra reside na conjugação feliz entre os acontecimentos cinematográficos com a história política e social do país, integrando o cinema como uma espécie de complemento cultural da evolução da sociedade, tentando a concepção de uma história do cinema português à moda da velha história, dando especial enfoque às principais figuras tutelares e seus períodos de maior expressão.

No interessante trabalho sobre a crítica cinematográfica do cinema português nas décadas de 60 e 70, Eduardo Paz Barroso define o que designa por “perspectiva canónica de Bénard da Costa”: através de uma escrita irónica, Bénard da Costa “acaba por constituir uma pessoal e autorizada visão do cinema feito entre nós”, evocando como justificação e legitimação as suas experiências e memórias cinematográficas. Pela sua influência na construção crítica do cinema português, Paz Barroso admite ser “perfeitamente admissível afirmar que João Bénard da Costa está para o cinema português como Harold Bloom para a literatura



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

occidental.” (Barroso, Eduardo Paz, *Justificação...*, 2002, pp. 73-76).

No final dos anos 80, surge outra ferramenta indispensável para o estudo cinematográfico português: o *Dicionário do Cinema Português*, escrito por Jorge Leitão Ramos e editado pela Caminho, em três volumes que cobrem o período 1896-2003. A publicação do primeiro volume, em 1989, marca o fim de um segundo período na produção historiográfica do cinema português. Em pouco mais de uma década (1977-89), a escrita transitou de um registo geralmente memorialista com algumas pretensões historiográficas para a consciência da necessidade de bases científicas e metodológicas interdisciplinares. Apesar da importância da continuidade de inventariação de informação, tarefa oportunamente iniciada e muito bem desenvolvido pela Cinemateca Portuguesa, alguns interessados alertam para a urgência de se iniciar um tratamento crítico dos dados disponíveis e a disponibilizar.

Na década de 1990 tinham começado a surgir em Portugal os primeiros estudos académicos sobre cinema. Nesse período, os estudos de cinema começam a ser introduzidos em algumas faculdades portuguesas (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Departamento de Ciências da Comunicação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa) e em centros de investigação (Centro de Estudos Interdisciplinares do Séc. XX da Universidade de Coimbra), o que alterou significativamente o estado da arte. Surgiam algumas dissertações de mestrado e teses de doutoramento sobre cinema, mas é o lançamento, em 2001, do livro *O Cinema sob o Olhar de Salazar* (Círculo de Leitores, reeditado em 2011), coordenado por Luís Reis Torgal, que simbolicamente marca a passagem do testemunho para a academia dos estudos de cinema em Portugal. Reunindo textos inéditos de vários autores que, os anos anteriores, tinham apresentado trabalhos académicos que começavam a problematizar a história do cinema português entretanto canonizada pelas publicações das décadas anteriores.

Em menos de uma década, um volume considerável de conhecimento surge em várias universidades e centros de investigação, resultantes também de vários projectos de investigação, com financiamento da FCT, que propõem abordagens interdisciplinares novas para o objecto cinema em Portugal: *Teoria e Estética do Cinema Documentário* (LabCom/UBI); *Principais Tendências do Cinema Português Contemporâneo* (CIAC, 2008); *Cinema e Filosofia – Mapa de Um Encontro* (IFILNOVA, 2008); *Ruptura Silenciosa. Intersecções entre a arquitectura e o cinema. Portugal, 1960-1974* (FAUP, 2008); *Censura e Mecanismos de Controlo da Informação no Teatro e no Cinema* (CIMJ, 2010); *Falso Movimento – Estudos sobre Escrita e Cinema* (Centro de Estudos Comparatistas/FLUL, 2010); *Works – O Trabalho no Ecrã* (ISCTE-IUL, 2012); *Explorando as práticas turística se cinematográficas através do filme de não-ficção português (1910-1980)*; entre outros.

Também em várias instituições académicas no estrangeiro, sobretudo no Brasil, têm surgido diversas publicações assinadas por académicos que, a partir da literatura, teatro ou história, lançam novas pistas sobre o cinema português. Inúmeros trabalhos de académicos como Carolin Overhoff Ferreira (UNESP, Brasil), Renata Soares Junqueira (FAPESP, Brasil), Jorge Cruz (UERJ, Brasil), Leandro Mendonça (UFF, Brasil),



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Randall Johnson (UCLA, Estados Unidos), Iván Villarrea Álvarez (U. Santiago Compostela, Espanha), Glòria Salvadó-Corretger (U. Pompeu Fabra, Espanha) entre muitos outros, tem surgido no mercado editorial português, fruto de um crescente interesse.

Com o contributo de muitos destes académicos, publicaram-se duas obras colectivas particularmente significativas de uma nova abordagem metodológica ao cinema português: *O cinema português através dos seus filmes* (Campo das Letras 2007, republicado em 2014 pelas Edições 70), coordenado por Carolin Overhoff Ferreira; e *Cinema Português: Um Guia Essencial* (SESI-SP. 2013), organizado por Paulo Cunha e Michelle Sales. Entre algumas dezenas de recentes publicações disponíveis no mercado editorial sobre história do cinema português, as seguintes merecem destaque, sobretudo pela sua incidência e abrangência historicizante: *A Invenção do Cinema Português*, de Tiago Baptista (Tinta-da-China. 2008); os dois volumes de *Cinema Português. Um País Imaginado*, de Leonor Areal (Edições 70. 2011); *Viagens, olhares e imagens*, organizado por Sofia Sampaio (Cinemateca Portuguesa. 2017); e *Uma nova história para o novo cinema português*, de Paulo Cunha (Le Monde Diplomatique/Outro Modo. 2018).

Neste último período, desde 1992 até aos dias de hoje, a história do cinema português conheceu uma diversidade e uma valorização científica promovida sobretudo a partir da academia, que permitiu desenvolver uma acção transdisciplinar – com a antropologia, arquitectura, sociologia, filosofia, entre outras – que transformaram a prática historiográfica em Portugal, afastando-se definitivamente dos autores curiosos e comprometidos com o objecto que tinham protagonizadas as publicações das primeiras fases. Promovida no âmbito de projectos individuais (dissertações de mestrado ou teses de doutoramento) ou integrando iniciativas colectivas (projectos de investigação ou de transferência de conhecimento para a comunidade), uma vasta produção bibliográfica assente em metodologias científica tem regressado às fontes e proposta uma revisão do conhecimento que, gradualmente, vai saindo da academia e chegando ao mercado editorial, contribuindo também para sua disseminação no espaço artístico e cultural.

Ao longo das últimas décadas, a produção de conhecimento sobre o cinema português foi-se diversificando, beneficiando do contributo de outras áreas científicas e disciplinares, reflectindo essencialmente a formação profissional e intelectual dos seus autores e o grau de compromisso pessoal, económico e corporativo com o próprio objecto de estudo. Durante as primeiras décadas, o Estado, de forma directa ou indirecta, foi controlando a narrativa que se foi consolidando, assegurando a sua institucionalização, primeiro através do SNI e, já depois do fim da ditadura do Estado Novo, através de entidades públicas, como a Cinemateca ou os sucessivos Institutos de Cinema.

Foi gradual, e demasiado lento, o processo de evolução das práticas historiográficas em torno do cinema português, desde os primeiros escritos proto-historiográficos da responsabilidade de curiosos e jornalistas, com os seus estilos memorialistas ou assumidamente subjectivos. A chegada do objecto à academia, generalizada no séc. XXI, permitiu problematizar questões consolidadas e abrir o debate em relação a campos

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

e géneros desvalorizados ou mesmo ignorados, como a produção de cinema científico, industrial, turístico, entre outros, as relações do cinema com o poder político e económico, ou, mais recentemente, os estudos sobre cinema português que adoptam perspectivas pós-coloniais e feministas, entre outras.

Bibliografia activa: BAPTISTA, Tiago, *A Invenção do Cinema Português*, Lisboa, Tinta da China, 2008; BARROSO, Eduardo Paz, *Justificação e Crítica do Cinema Português Anos 60/Anos 70*, Lisboa, tese de doutoramento apresentada à FCSH/UNL, 2002; COSTA, Henrique Alves, *Breve História da Imprensa Cinematográfica Portuguesa*, Porto, Clube Português de Cinematografia, 1954; COSTA, João Bénard da, *Histórias do Cinema*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1991; CUNHA, P. e SALES, M. (org.), *Cinema Português: Um Guia Essencial*, São Paulo, SESI-SP, 2013; CUNHA, Paulo, "Para uma história das histórias do cinema português". *Aniki: Revista Portuguesa da Imagem em Movimento* [Em linha], vol. 3, n.º 1, 2016. [Consult. 20 de Novembro de 2018]. Disponível em WWW: < URL: <http://aim.org.pt/ojs/index.php/revista/article/viewFile/231/pdf>; DUARTE, Fernando, *Elementos para a História do Cinema Português, do livro e a imprensa cinematográfica e do cineclubismo*, Rio Maior, Ed. Celulóide, 1976; PELAYO, Jorge, *Bibliografia Portuguesa de Cinema. Uma visão cronológica e analítica*, Lisboa, Cinemateca Portuguesa, 1998; PINA, Luís de, *A Aventura do Cinema Português*, Lisboa, Editorial Vega, 1977; TORRAL, Luís Reis (coord.), *O Cinema sob o olhar de Salazar*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2001.

Paulo Cunha